

Diminuído o poder de barganha, diz Belluzzo

por Cynthia Malta
de São Paulo

O Brasil teve o seu poder de barganha diminuído com a suspensão da moratória, que deveria ter sido utilizada como um instrumento para garantir a concretização de um acordo de longo prazo favorável ao País. A opinião é de Luiz Gonzaga Belluzzo, um dos principais assessores do ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro.

Para Belluzzo é perigoso "sair da moratória sem o compromisso de o Brasil obter um acordo que atenda aos seus interesses". Ele não acredita na "meia-moratória" e salienta que, "conhecendo a elite brasileira, como eu conheço, temo que ela possa 'entregar o pontos'".

A questão fundamental, segundo Belluzzo, é saber quanto o Brasil vai transferir em recursos ao exterior e quanto vai receber em troca. "Quanto vamos receber em financiamentos?", pergunta, acrescentando que "isso é que é im-

portante e que precisamos saber". O amadurecimento dessa idéia, segundo ele, é essencial no momento em que o governo brasileiro decidir firmar um programa de ajuste econômico com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Caso seja promovido um acordo com o FMI em bases semelhantes às que foram realizadas nas gestões passadas, o País poderá ficar em situação pior do que a que enfrentou nos últimos anos.

"A economia mundial está enfraquecida. O panorama do mercado externo não é dos melhores. Por isso, o Brasil precisa precaver-se para salvar a sua capacidade de pagamento", adverte o economista. Num futuro acordo de longo prazo, Belluzzo acha prudente o governo brasileiro exigir que sejam incluídas cláusulas de contingência para possíveis aumentos nas taxas de juro e prováveis quedas nos superávits da balança comercial do Brasil.